

margarida correia
gueiko e maiko

10 de Setembro a 9 de Outubro de 2005
Centro de Cultura Contemporânea
Cooperativa de Comunicação e Cultura de Torres Vedras

Breve introdução ao Mundo da Flor e do Salgueiro

O projecto do Japão foi muito particular. Estive em Osaka, Quioto e Toquio alguns meses antes de vir para NY [2000-2001]. Fotografei Maikos (jovens aprendizes de Gueixas) a prepararem-se nos seus ambientes tradicionais e em alguns eventos sociais. Quando decidem ser Maiko as raparigas vão-se integrar numa casa e família que possui uma história e tradição, um “espólio” de roupas e objectos transmitido pelas suas antecessoras, cheios de códigos e simbologias; no mesmo ambiente seguem uma série de rituais de preparação e transformação, a maquilhagem, os penteados, a maneira como se vestem, como se movimentam, como agem...

Margarida Correia¹

Quando Margarida Correia foi para o Japão com o projecto de fotografar as Gueixas – *gueiko* – que ainda hoje desempenham um papel estruturante na sociedade asiática sabia que seria mais fácil encontrar o “cliché” turístico do que entrar no misterioso e selecto universo que as protege. Conhecer uma Gueixa continua a ser um privilégio reservado a empresários, políticos de renome e artistas famosos, não bastando para tal ter muito poder financeiro: é preciso ser-se apresentado por alguém que já circule no “mundo da flor e do salgueiro”, como lhe chamam aqueles que nele habitam.

A expressão remete para um passado onde as cortesãs japonesas eram apelidadas de “flores” devido às sumptuosas sedas e brocados usados na sua indumentária, enquanto que as Gueixas mais sofisticadas, vestidas com quimonos subtilmente estilizados, eram comparadas aos salgueiros que ladeavam as margens dos rios. Ambas serviam propósitos de entretenimento circunscritos a poderosas elites e aos seus pares na manutenção das artes tradicionais do país, como os actores do teatro *Kabuki*². Treinadas para serem graciosas e flexíveis como um salgueiro, as Gueixas eram preparadas para se tornarem “fortes de espírito”, tendo inclusive resistido com mestria às velozes mudanças da história social, política e económica do Japão, ao passo que as cortesãs acabariam por desaparecer por completo da vivência urbana asiática. As palavras da escritora inglesa Lucy Moss, que viveu no Japão de 1994 a 1999, ajudam a precisar esta relação com actualidade: “As Gueixas são como atrizes. Elas vendem aos seus clientes o sonho de uma mulher perfeita e fazem com que eles se sintam atraentes e poderosos”³.

¹ Margarida Correia, em “Entrevista com a artista em Nova Iorque”, Storm-magazine on-line, Edição 21, Janeiro-Fevereiro de 2005.

² O teatro que veio a ser conhecido como *Kabuki* começou por ser representado no século XVII por proscritos que viviam no leito seco do rio Kamo, em Quioto, passando a ser depreciativamente conhecidos, até meados do século XIX, como *kawara kojiki*, ou seja “pedintes do leito do rio”. Eram aliados naturais das Gueixas, por vezes até seus amigos e amantes, constituindo ambos os principais profissionais do entretenimento durante este período.

³ Citada pelo jornalista Ricardo Koiti Koshimizu, no seu artigo “Gueixa”, no jornal on-line <http://nihonsite.com>.

Pessoa das artes

Gueixa significa, à letra, “pessoa das artes” e embora os primeiros registos de utilização da palavra datem de 1751 em Quioto⁴, e de 1762 em Edo (actual Tóquio), sabemos que a sua existência deverá recuar até ao século XVII, mais precisamente ao início da “Era Tokugawa”⁵, altura em que se unificaram as diferentes províncias que compunham o Japão, possibilitando um período de estabilidade política, de crescimento económico e de grande florescimento cultural. As Gueixas surgem assim associadas a uma espécie de “renascimento japonês”⁶ que visou refinar e consolidar diversas práticas culturais, tais como o Ikebana (realização de arranjos florais) e a Cerimónia do Chá (trazida da China por um monge budista), legitimando-as como artes tradicionais do Japão.

Na verdade parece ser hoje consensual que as precursoras das Gueixas foram as *shirabyoshi* do século XII: bailarinas que, provavelmente, também seriam amantes dos nobres e guerreiros que apreciavam a sua actuação. O termo *Gueixa* surgiria muito depois, mas sempre relacionado com uma actividade de entretenimento, e inicialmente apenas se referia aos homens que realizavam algum tipo de animação cultural (também chamados de *hokan* ou *taikomochi*). Quando essa animação de índole artística passou a ser uma ocupação exclusivamente feminina, procedeu-se progressivamente à regulamentação de tal actividade, inclusive circunscrevendo os locais destinados a prostitutas e cortesãs. Esses bairros passariam por isso a ser conhecidos, a partir do século XVIII, como “quarteirões do prazer” (*yoshiwara*).

Mas as Gueixas seriam sempre enquadradas numa categoria superior dos “profissionais do entretenimento”. Elas constituem declaradamente um grupo à parte das prostitutas (aceites no Japão até 1957), baseando os seus serviços nos conhecimentos que adquirem em dança e música, e chegando mesmo a assumir o papel de “confidentes do poder” nas Casas de Chá que as empregam (*ocha-ya*). À semelhança das reuniões políticas que no início da Restauração Meiji⁷ tinham lugar nas discretas *ocha-ya* de Quioto, o actual Partido Liberal Democrata do Japão realiza frequentemente os seus debates e negociações nas reservadas *ocha-ya* de Tóquio ou nos mais requintados restaurantes (*ryotei*) da cidade.

⁴ Também designada como “cidade capital” por ter sido a primeira capital imperial do Japão.

⁵ Também conhecido como “Período Edo” (1603-1868), assinalando o fim de quatro séculos de guerras internas com a auto-proclamação do general Ieyasu Tokugawa enquanto soberano do país. Em 1868 o Imperador Meiji fica à cabeça do novo governo, substituindo o nome Edo por Tóquio (que à letra significa “capital oriental”), dando assim início à “Era Meiji”.

⁶ Como lhe chamou a jornalista inglesa Lesley Downer, que viveu dez anos no Japão e é autora de excelentes romances históricos, de que é exemplar *Madame Sadayakko: a Gueixa que seduziu o Ocidente*, (Trad. de Maria José Figueiredo), Lisboa: Bertrand Editora, 2004. Uma das influências assumidas pela jornalista é o “best-seller” do norte-americano Arthur S. Golden, intitulado *Memórias de uma Gueixa* e editado pela primeira vez em 1997 (também conhecido por motivar Steven Spielberg a realizar um filme sobre o tema, mas que até hoje se mantém como um projecto por concretizar).

⁷ Iniciada em 1868 (cf. Nota 5 deste texto).

Actualmente as Gueixas continuam a viver em comunidades maioritariamente formadas por mulheres que constroem uma autêntica carreira baseada nesse “estilo de vida”, centralizando toda uma cultura urbana particularmente acessível a iniciados. Cada bairro continua a ter as suas casas de Gueixas (*oki-ya*), com as respectivas casas de chá e, frequentemente, um pequeno teatro (*kaburenjo*), formando no seu conjunto um *Hanamashi*⁸, ou seja, uma região de Gueixas japonesas. Há também lojinhas onde se pode adquirir toda a parafernália de acessórios necessários à sua arte: tecidos para quimonos, *shamisens*⁹, leques, pentes e cosméticos.

Osaka-Quito-Tóquio

A tipologia urbanística que enquadra as Gueixas ainda é genericamente comum às três cidades que Margarida Correia percorreu durante a sua estadia de um mês e meio no Japão. Foi no âmbito da Bolsa de Estudo que lhe foi atribuída pela Fundação Oriente que a artista se deslocou a Osaka, Quioto e Tóquio, num triângulo de referências incontornáveis para quem se interesse pela história de um dos estereótipos mais fascinantes da cultura nipónica.

Começou o seu roteiro por Osaka na perspectiva de, sendo uma mulher Ocidental que pela primeira vez viajava pelo Japão, se ambientar e introduzir nos diferentes hábitos e costumes. Seguiu depois para Quioto, onde produziria a maior parte das imagens que integram este seu projecto sobre Gueixas e das quais se mostra agora uma primeira selecção. Foi nesta primeira “cidade capital” do Japão que o seu projecto pôde contar com o precioso apoio do Cônsul aí destacado, sem o qual se veria facilmente restringido à visão exótica e mitificada que os Ocidentais continuam a ter sobre a vida das Gueixas. Um primeiro espectáculo de dança de Gueixas, a que assistiu num pequeno teatro, permitiu-lhe conhecer as imagens que actualmente são especialmente difundidas para um público generalizado, sobretudo estrangeiro, nomeadamente nos festivais que marcam as estações do ano e nos quais as Gueixas concentram as suas “performances” públicas¹⁰.

⁸ Cujo primeiro significado é: “cidade de flor”.

⁹ Instrumento musical de três cordas parecido com o “banjo” e habitualmente tocado pelas Gueixas.

¹⁰ Como é o caso do Festival “Kamogawa Odori”, largamente publicitado nos guias e agências de viagens e realizado em Maio, no Bairro de Pontocho (em Quioto). A sua programação habitual inclui a *Kabukiesque*: uma peça dramática encenada por Gueixas e que é proveniente do repertório *kabuki*, mas que inverte a sua tradição dado que é exclusivamente representada por mulheres, mesmo quando se tratam de papéis masculinos. Durante dois séculos e meio as mulheres foram proibidas de pisar o palco, limitando-se o *kabuki* aos actores masculinos que, até finais do século XIX, eram quem representava os papéis femininos (e por isso se chamavam *onnagata*). As primeiras mulheres Gueixa eram designadas *onna gueixa*.

Hotel

Margarida Correia conseguiu depois agendar uma sessão fotográfica num hotel local. Interessava-lhe uma das rotinas mais antigas das Gueixas, que é a contratação dos seus serviços enquanto anfitriãs de um jantar formal, onde se espera que sejam uma companhia versada nas artes, com o intuito último de tornar mais agradável um convívio de elite.

Foi assim que surgiram alguns dos retratos encontrados na presente série “Gueiko e Maiko”. Foram tirados num hotel de Quioto graças à contratação de um grupo de Gueixas e de jovens aprendizes, que ali se dispuseram durante um curto período para uma sessão fotográfica profissional. Encontramo-las num recorte comum que privilegia nitidamente a face, variando a posição frontal da cara com um subtil entorse extensível ao corpo. Lembram a pose ligeiramente de perfil dos primeiros retratos da história da fotografia. Esta posição acentua as sombras e define os contornos do rosto num ambiente assumidamente encenado, evocando na imagem cúmplice, bem conseguida, a relação umbilical das Gueixas com o universo da representação teatral. Cada cara é uma máscara branca, de olhos e sobrancelhas contornadas a preto, com o lábio inferior especialmente evidenciado por um intenso vermelho semelhante à flor peónia. Parecem actores de *kabuki*.

Aqui, são praticamente todas *maiko*, distinguindo-se pelo uso de peruca a única Gueixa que integra o grupo. Tal como aconteceria numa festa para a qual fossem contratadas, perante a presença de uma Gueixa “sénior” cabe às mais novas garantir a boa atmosfera do ambiente. Mas a aprendizagem do comportamento adequado às diversas situações é longa, sendo necessários vários anos para dominar com astúcia e extrema delicadeza não apenas as regras da etiqueta, mas também os jogos e as cerimónias que habitualmente se praticam nas festas das casas de chá, as melodias e letras das baladas que pertencem ao repertório tradicional das Gueixas, bem como as diferentes danças que é esperado saberem realizar a solo (muitas das quais são retiradas das peças *kabuki*). No final do treino as aprendizes devem ser peritas em contar uma história por meio de gestos e linguagem corporal, diversificando pela fantasia todo o jogo do amor.

As Gueixas “modernas” já não são compradas e trazidas na infância para as *oki-ya*, dependendo de um patrono (*danna*) para o seu bem-estar futuro, como acontecia com frequência até à II Guerra Mundial. Na maior parte dos casos actuais é suposto iniciarem o treino voluntariamente e a partir da adolescência, existindo mesmo alguns exemplos conhecidos de mulheres não-japonesas, como a antropóloga norte-americana Liza Dalby, que para estudar as comunidades de Gueixas abraçaram a aprendizagem ao ponto de se tornarem também elas Gueixas, adoptando o respectivo nome que assinala a sua nova posição social¹¹.

¹¹ Ainda hoje, quando uma mulher japonesa se torna Gueixa, passa a usar apenas o nome próprio, abdicando do nome de família, como se de um nome artístico se tratasse, marcando assim a sua nova posição perante a sociedade.

Cabeleireiro

Foi no famoso bairro de Gueixas de Gion, ainda em Quioto, que teve lugar a segunda sessão fotográfica directamente relacionada com as imagens de “Gueiko e Maiko”. Desta vez, foi o próprio cabeleireiro que serviu de cenário à elaborada preparação dos penteados, permitindo uma aproximação mais realista, num registo familiar à foto-reportagem, dos locais que servem as rotinas mitificadas destas mulheres. Pela forma do penteado e observando os acessórios escolhidos é possível saber qual o nível de preparação e estatuto que a retratada tem. Há uma codificação extrema da aparência no estratificado universo das Gueixas. Não será pois de estranhar o destaque com que são difundidas há muito na iconografia nipónica, tão celebradas que foram nas xilografuras japonesas enquanto “imagens do mundo flutuante”¹².

Casa

A série escolhida pela artista para uma primeira apresentação do seu projecto também inclui algumas imagens captadas numa casa onde habitam jovens *maiko*, ainda na zona de Gion. Contratadas para a sessão fotográfica, circulam primeiro de caras desnudadas, com o compromisso de não serem fotografadas sem maquilhagem, circunscrevendo depois ao quarto de uma delas todo o equipamento necessário durante as próximas horas de exposição. Chegámos à intimidade dos gestos e dos objectos.

Talvez por isso o projecto que se lhe seguiu¹³ destacou objectos directamente ligados à história pessoal dos retratados e que foram reutilizados em diferentes espaços e tempos, desenhando uma outra teia de afectos, de um mundo outro, que já não o da flor e do salgueiro mas igualmente em vias de extinção.

Lúcia Marques © Agosto, 2005

¹² Tradicionalmente enquadradas na arte *ukiyo-e*, i.e., das “imagens do mundo flutuante”, que floresceu no “Período Edo”. As primeiras destas produções artísticas foram cartazes realizados por artistas como Utamaro e Sharaku em torno dos prazeres urbanos e, posteriormente, já com Hokusai e Hiroshige, especialmente dedicados à paisagem e à beleza da Natureza.

¹³ E entretanto já apresentado na Visual Arts Gallery de Nova Iorque, enquanto projecto finalista do Mestrado realizado na School of Visual Arts (cf. Nota Biográfica e www.mfaphoto.schoolofvisualarts.edu/thesis2004)

Brief Insight to The World of Flower and Willow

The Japan project was very special. I went to Osaka, Kyoto and Tokyo for a few months before coming to New York (2000-01). I photographed Maikos (young trainee Geishas) getting ready in their traditional environments and at some social events. When they decide to be Maikos, the girls move into a house and a family with history and tradition, a “wardrobe” of clothes and objects which have been handed down from one generation to the next, which have special symbolic meanings; they go through a number of rituals in these places to get ready and to transform themselves – make-up; hair; the way they dress, move and act...

Margarida Correia¹

When Margarida Correia travelled to Japan to photograph Geishas (Gueiko), who even today play a pivotal role in Japanese society, she knew that it would be easier to find the tourist’s “cliché” than to infiltrate their mysterious and select circles. The privilege of getting to know a Geisha is the reserve of business tycoons; leading politicians and performers, a domain in which extreme wealth counts for little: one needs an introduction by an habitu   of “the world of flower and willow”, as it is known to insiders.

The expression takes us back to a period in which Japanese courtesans were nicknamed “flowers”, because of the rich silks and brocade they wore on their outfits, whilst the more sophisticated Geishas, who wore subtly-designed kimonos were compared to the willow-trees growing along river banks. Both were used to entertain powerful elites and their peers, conserving the traditional arts of Japan, like the actors of the Kabuki theatre.² Trained to be as gracious and supple as a willow, and also to be “strong in spirit”, Geishas have adroitly withstood Japan’s swift social, political and economic changes, whereas courtesans disappeared altogether from urban Asian life. The English writer, Lucy Moss, who lived in Japan from 1994 to 1999, helps define Geishas’ place in today’s society: “Geishas are like actresses. They sell their clients the dream of a perfect woman and make them feel powerful and attractive.”³

¹ Margarida Correia in “Interview with the artist in New York”, Storm on-line magazine, Issue 21, January-February 2005.

² The theatre which came to known as *Kabuki* was originally played by exiles living on the dry bed of the river Kamo, in Kyoto. Until the mid-19th century they were disparagingly called *kawara kojiki*, “the river-bed beggars”. They were the Geishas’ natural allies, and at times, even their friends or lovers. They were the main types of performers during this period.

³ Quoted by the journalist Ricardo Koiti Koshimuzu, in his article “Gueixa” in the on-line newspaper <http://www.nihonsite.com>

Person of the arts

Geisha literally means “person of the arts” and although the first records of this word date back to 1751 in Kyoto⁴ and 1762 in Edo (current-day Tokyo), we know that it originates in the 17th century and more precisely the start of the “Tokugawa Era”⁵, when the first provinces which made up Japan were unified, fostering a period of political stability, economic growth and burgeoning culture. Geishas are thus linked to a kind of “Japanese renaissance”⁶, the aim of which was to cultivate and promote certain cultural rituals, such as Ikebana (flower arranging) and the Tea Ceremony (introduced from China by a Buddhist monk), providing them with the status of traditional Japanese arts.

In fact, nowadays it is widely accepted that Geishas’ forebears were the twelfth-century shirabyoshi: dancers, who were probably also the lovers of the nobles and warriors who enjoyed their performances. The term geisha only came into use some time thereafter, but has always been linked to entertainment. Originally, it only described men who performed some form of cultural entertainment (also known as hokan or taikomochi). When this form of artistic entertainment became the exclusive domain of female performers, regulations were gradually introduced, including boundaries for courtesans and prostitutes. In the eighteenth century, these areas became known as yoshiwara (pleasure blocks).

Geishas, however, were always classified as a higher class of “professional entertainers.” They were clearly set apart from prostitutes (accepted in Japan until 1957), basing their services on their knowledge of dance and music, even taking on the role of “confidants of power” in the tea-rooms where they were employed (ocha-ya). At the beginning of the Meiji restoration⁷ political meetings were held in Kyoto’s discrete ocha-ya, similarly, today’s Liberal Democratic Party of Japan often holds debates and negotiations in Tokyo’s reserved ocha-ya or in the city’s most exclusive restaurants (ryotei).

⁴ Also called “capital city” as it was the first capital city of the Japanese Empire.

⁵ Also known as the “Edo Period” (1603-1868), which marked the end of four centuries of civil wars, when General Ieyasu Tokugawa proclaimed himself the country’s sovereign. In 1868, Emperor Meiji led a new government, and renamed Edo as Tokyo (which literally means “Eastern capital”), thereby ushering in the “Meiji era”.

⁶ This was the term used by the English journalist, Lesley Downer, who lived in Japan for ten years and has written some excellent historical novels, such as *Madame Sadayakko: the Geisha who seduced the West*. Downer claims to have been influenced by the American, Arthur S. Golden’s best-seller, *Memoirs of a Geisha*, originally published in 1997 (which is also known to have inspired Steven Spielberg to make a film on the subject, although the project has yet to go beyond the drawing-board).

⁷ It began in 1868 (cf footnote 5).

Nowadays, Geishas still live in predominantly female communities, who build their career on this “way of life”, which harnesses a whole urban culture accessible above all to those who have been initiated. Each neighbourhood still has its geisha houses (oki-ya), with their respective tea-rooms, and often a small theatre (kaburenjo), which together form a Hanamashi⁸, in other words, a region of Japanese Geishas. There are also small shops selling all the accessories Geishas need: fabrics for kimonos; shamisens⁹; fans; combs, and cosmetics.

Osaka-Kyoto-Tokyo

Geishas live in broadly the same urban setting in these three cities which Margarida Correia visited during her month-and-a-half-stay in Japan. Margarida travelled to Osaka, Kyoto and Tokyo on a scholarship from the Fundação Oriente, a triangle of obligatory references for anyone interested in the history of one of the most fascinating figures of Japanese culture.

As a Western woman travelling to Japan for the first time, she began her journey in Osaka, with the aim of getting to know the various customs and practices. She then went on to Kyoto, where she produced most of the images included in her project on Geishas, an initial selection of which are now on display. In the first capital city of Japan, the Portuguese consul gave Margarida invaluable help, without which she would have quite easily been restricted to the exotic and fanciful ideas Westerners have of the lives of Geishas.

First of all, she watched a Geisha dance show in a small theatre, bringing her into contact with the images which, nowadays, are broadcast to a wide, and above all, foreign audience, in particular, through the festivals marking the seasons, which are the Geishas’ main public performances.¹⁰

⁸ The main meaning of which is “flower city”.

⁹ A three-stringed musical instrument similar to a banjo, often played by Geishas.

¹⁰ The May “Kamogawa Odori” festival in the Pantocho quarter of Kyoto, for example, which is widely advertised in guide-books and travel agencies. It commonly features the *Kabukisque*: a play performed by Geishas based on the *Kabuki* repertoire, but which inverts tradition, given that women play all the roles, including the male ones. Women were forbidden from treading the boards for two and a half centuries, with *Kabuki* being restricted to male actors, who until the end of the nineteenth century also played the female roles (and were thus called *onnagata*). The first Geisha women were called *onna geisha*.

Hotel

By booking a photo session in a local hotel, Margarida Correia gained access to one of the oldest Geisha rituals. She was interested in the services they provide as hostesses of a formal dinner, where they are expected to be conversant in the arts, the ultimate aim of which is to make a gathering of the elite more pleasant.

This gave rise to some of the portraits in the current series “Gueiko and Maiko”. They were taken at a hotel in Kyoto, after having hired a group of Geishas and young apprentices to take part in a short professional photographic sitting. They are all set against the same background, which clearly draws out their faces. The angle of their faces to the camera varies as they subtly turn their entire bodies. They remind us somewhat of the first profile portraits in the history of photography. This position emphasises the shadows and brings out their facial features in an obviously orchestrated scene. These conniving and successful images evoke the unbreakable link between the Geishas and the world of theatrical performance. Each face is a white mask, eyes and eyebrows marked out in black, and the lower lip stands out in a deep peony red. They look like Kabuki actors.

Almost all of them are maiko, the only Geisha in the group identified by her wig. As in any party for which they are hired, where a senior Geisha is present, the younger ones must ensure a pleasant ambience. Learning how to act in the various situations is a lengthy process: it takes several years to fully grasp the finer details of etiquette, as well as the games and ceremonies commonly performed at parties in tea-rooms; the tunes and lyrics of the ballads belonging to Geishas traditional repertoire, and the various dances which they should know how to perform alone (many of which are taken from Kabuki plays). When they have completed their training, the apprentices should know how to tell a story by mime, varying the game of love through their imagination.

Modern Geishas are not bought when still children and taken to the oki-ya, where they would rely on a danna (patron) for their future well-being, as was the case up to the Second World War. Nowadays, most are expected to start their training during their adolescence and of their own free will. There are even some examples of non-Japanese women, such as the American anthropologist, Liza Dalby, who have taken up this training in order to study Geisha communities, to the point of becoming Geishas themselves, adopting the corresponding name which indicates their new social position.¹¹

¹¹ Even today, when a Japanese woman becomes a Geisha, she uses only her given name and not her surname, as if it were a stage name, thereby denoting her new social position.

Hairdressers

A second photographic session was held in the famous Gion geisha district of Kyoto and is directly linked to the images of “Gueiko and Maiko”. This time, it was the hairdressers salon which acted as a backdrop for the elaborate hair-styling. This brought the photographer closer to the legendary rituals of these women, using a register adopted by photo-journalists. The hairstyle and accessories denote the level of training and status of the portrait subject. Appearances follow a complex code in the strict hierarchy of Geishas. Thus, the long-standing attention granted them in Japanese iconography comes as no surprise, highly celebrated in Japanese xylographs as “images of the floating world”.¹²

House

The series of photographs chosen by the artist for this first presentation of her project also includes some images taken in a house in the Gion district where young Maiko live, and who were hired to sit for the photographic session. Initially, they move around with bare faces, on the undertaking that they will not be photographed without make-up. Then, everything they need for the following few hours of exposure is moved into one of their bedrooms, allowing us to become intimate with their gestures and objects.

This is perhaps why the ensuing project¹³ highlighted objects linked to the personal history of the portrait subjects and which were re-used in different times and spaces, weaving different emotional ties, belonging to another world, no longer that of flower and willow, but also disappearing.

Lúcia Marques © August 2005

¹² Traditionally in *ukiyo-e* art, i.e. of “images of the floating world”, which flourished in the Edo period. The first of such artistic productions were posters made by artists, such as Utamaro and Sharaku, on the theme of urban pleasures, and later, including Hokusai and Hiroshige, devoted in particular to landscapes and the beauty of nature.

¹³ The project has already been presented in the Visual Arts Gallery of New York, as an end of course project for the Master's degree studied at the School of Visual Arts (cf. Biography and www.miaphoto.schoolofvisualarts.edu/thesis2004).

margarida correia
gueiko e maiko

























































Todas as Imagens | All Images:
S/Titulo, 2001 | Untitled, 2001
C Print,
15 x 11 cm

Margarida Correia

Nasceu em Lisboa em 1972. Vive e trabalha em Brooklyn, Nova Iorque.

Estudou na E.S.A.D. (Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha), onde obteve o Bacharelato. Realizou o *Projecto Individual* no Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual) em Lisboa. Licenciou-se em pintura na F.B.A.U.L. (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa) e fez o Mestrado em Fotografia na S.V.A. (School of Visual Arts) em Nova Iorque. Está representada em colecções públicas e privadas, em Portugal e nos Estados Unidos da América.

Exposições:

- 1996
 - *Identidade*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
 - *Jovens Criadores 96*, Antiga Cordoaria Nacional, Lisboa
 - *6.ª Bienal de Design e Escultura das Caldas da Rainha*
 - *Grátis*, Antiga Câmara Municipal das Caldas da Rainha

- 1998
 - *Shining*, exposição individual, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
 - *Art Attack*, Galeria ZDB, Lisboa
 - *Jovens Criadores 98*, Câmara Municipal de Aveiro

- 1999
 - *Jovens Artistas da Europa e Mediterrâneo*, Roma, Itália
 - *Maia 99*, Bienal da Maia, Porto

- 2000
 - *Second to Be*, Finalistas da F.B.A.U.L., Lisboa
 - *NonstopopeningLisboa*, Galeria ZDB, Lisboa
 - *Art Chicago*, Galeria André Viana, Navy Pier, Chicago, E.U.A.
 - *2000*, Galeria André Viana, Porto
 - *MARCA Madeira*, Galeria André Viana, Madeira
 - *Sister Spaces - Southern Exposure*, projecto on-line, Galeria ZDB, São Francisco, E.U.A.
 - *Artforum Berlin*, Galeria André Viana, Berlim, Alemanha
 - *Exposição de finalistas Ar.Co*, Lisboa

- 2001
 - *De Outros Espaços*, Sala do Veado do Museu de História Natural, Lisboa
 - *Porto/Rotterdam 2001*, Cokkie Snoei Gallery, Roterdão, Holanda
 - *ARCO*, Galeria André Viana, Madrid, Espanha

- 2002 - *T - Retro + 1*, School of Visual Arts, Westside Gallery, Nova Iorque, E.U.A.
- 2003 - *Night of 1,000 Drawings*, Artists Space, Nova Iorque, E.U.A.
 - *Revisiting Art History*, School of Visual Arts, Westside Gallery, Nova Iorque, E.U.A.
- 2004 - *Postcards from the Edge*, Gallery Brent Sikkema, Nova Iorque, E.U.A.
 - *Emerging NYC*, Drury University, Missouri, E.U.A.
 - *Bridging the Gap*, Westside Gallery, School of Visual Arts, Nova Iorque, E.U.A.
 - *The Affordable Art Fair*, Pier 92, Nova Iorque, E.U.A.
 - *Works on Paper*, Weatherspoon Art Museum, Greensboro, E.U.A.
 - *Urban Moment*, Harvest Art Gallery, Taipé, Tailândia
 - *The Look of Things*, Visual Arts Gallery, Nova Iorque, E.U.A.
 - *Art Star/Sausage Factory*, Debs & Co. Gallery, Nova Iorque, E.U.A.
- 2005 - *2005 National Photography Competition*, Camera Club of New York, Nova Iorque, E.U.A.
 - *SVA Alumni Society Auction*, Visual Arts Gallery, Nova Iorque, E.U.A.
 - *Focused 10th Annual*, Photographic Center Northwest, Seattle, Washington, E.U.A.
 - Bienal do Montijo, Montijo
 - *Photography Now 2005*, Center for Photography at Woodstock, Nova Iorque, E.U.A.
 - *Shades*, Local Project, Nova Iorque, E.U.A.
 - *6th Biennial*, A.I.R., Nova Iorque, E.U.A.
 - *11th Juried Show*, Griffin Museum of Photography, Massachusetts, E.U.A.
 - *FW 101*, Galeria Monumental, Lisboa

Bolsas e Prémios:

- 2002, Fundação Oriente Portugal, Lisboa
 2003, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
 2003, Fundação Luso Americana, Lisboa
 2003, Prémio Aaron Siskind, Nova Iorque, E.U.A.
 2004, Centro Português de Fotografia, Porto
 2005, *Directors Prize*, Center for Photography at Woodstock, Nova Iorque, E.U.A.

Residências:

- AIR, Center for Photography at Woodstock, Nova Iorque, E.U.A.

Margarida Correia

Born in Lisbon 1972. Lives and works in Brooklyn, New York.

Studied a foundation course at E.S.A.D. (Caldas da Rainha College of Art and Design). *Individual Project at Ar.Co* (Arts and Visual Communication Centre) in Lisbon. Obtained a degree in painting from F.B.A.U.L. (Faculty of Fine Art, University of Lisbon) and a Master's Degree in Photography from the S.V.A. (School of Visual Arts) in New York. Her works can be found in both public and private collections in Portugal and the U.S.

Exhibitions:

- 1996
 - *Identidade*, Faculty of Arts, University of Lisbon, Portugal
 - *Jovens Criadores 96, (Young Creators 96)* Former National, Lisbon, Portugal
 - *6th Biennial of Design and Sculpture, Caldas da Rainha*, Portugal
 - *Grátis*, The Old Town Hall, Caldas da Rainha, Portugal

- 1998
 - *Shining*, solo exhibition, Faculty of Fine Arts, University of Lisbon, Portugal
 - *Art Attack*, ZDB Gallery, Lisbon, Portugal
 - *Jovens Criadores 98 (Young Creators 98)*, Aveiro Town Hall, Portugal

- 1999
 - *Young Artists of Europe and the Mediterranean*, Rome, Italy
 - *Maia 99*, Maia Biennial, Oporto, Portugal

- 2000
 - *Second to Be*, F.B.A.U.L. Finalist, Lisbon, Portugal
 - *NonstopopeningLisboa*, ZDB Gallery, Lisbon, Portugal
 - *Art Chicago*, André Viana Gallery, Navy Pier, Chicago, U.S.A.
 - *2000*, André Viana Gallery, Oporto, Portugal
 - *MARCA Madeira*, André Viana Gallery, Madeira, Portugal
 - *Sister Spaces - Southern Exposure*, on-line project, ZDB Gallery, San Francisco, U.S.A.
 - *Artforum Berlin*, André Viana Gallery, Berlin, Germany
 - *Finalists Exhibition Ar.Co*, Lisbon, Portugal

- 2001
 - *De Outros Espaços*, Sala do Veado, Natural History Museum, Lisbon, Portugal
 - *Porto/Rotterdam 2001*, Cokkie Snoei Gallery, Rotterdam, The Netherlands
 - *ARCO*, André Viana Gallery, Madrid, Spain

- 2002 - *T - Retro + 1*, School of Visual Arts, Westside Gallery, New York, U.S.A.
- 2003 - *Night of 1,000 Drawings*, Artists Space, New York, U.S.A.
 - *Revisiting Art History*, School of Visual Arts, Westside Gallery, New York, U.S.A.
- 2004 - *Postcards from the Edge*, Brent Sikkema Gallery, New York, U.S.A.
 - *Emerging NYC*, Drury University, Missouri, U.S.A.
 - *Bridging the Gap*, Westside Gallery, School of Visual Arts, New York, U.S.A.
 - *The Affordable Art Fair*, Pier 92, New York, U.S.A.
 - *Works on Paper*, Weatherspoon Art Museum, Greensboro, U.S.A.
 - *Urban Moment*, Harvest Art Gallery, Taipei, Thailand
 - *The Look of Things*, Visual Arts Gallery, New York, U.S.A.
 - *Art Star/Sausage Factory*, Debs & Co. Gallery, New York, U.S.A.
- 2005 - *2005 National Photography Competition*, Camera Club of New York, New York, U.S.A.
 - *SVA Alumni Society Auction*, Visual Arts Gallery, New York, U.S.A.
 - *Focused 10th Annual*, Photographic Center Northwest, Seattle, Washington
 - Montijo Biennial, Portugal
 - *Photography Now 2005*, Center for Photography at Woodstock, New York, U.S.A.
 - *Shades, Local Project*, New York, U.S.A.
 - *6th Biennial*, A.I.R., New York, U.S.A.
 - *11th Juried Show*, Griffin Museum of Photography, Massachusetts, E.U.A.
 - *FW 101*, Galeria Monumental, Lisbon, Portugal

Scholarships and Prizes:

- 2002, Fundação Oriente, Lisbon, Portugal
 2003, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon, Portugal
 2003, Fundação Luso Americana, Lisbon, Portugal
 2003, Aaron Siskind Prize, New York, U.S.A.
 2004, Centro Português de Fotografia, Oporto, Portugal
 2005, *Directors Prize*, Center for Photography at Woodstock, New York, U.S.A.

Residences:

- AIR, Center for Photography at Woodstock, New York, U.S.A.

Agradecimentos | Acknowledgments:

Ar.Co

Bruno Henriques

Consulado Português em Kyoto

Embaixada de Portugal em Tokyo

Fundação Oriente

Garry Mullender

Gonçalo Santos

Joaquim Passos

Kol de Carvalho


Lúcia Marques

Paulo Carocinho

Rui Brito

Yoshiharu Naya-Sen

 **Cooperativa de Comunicação e Cultura**

 centro de cultura **contemporânea**

propriedade e edição | edition and property
Centro de Cultura Contemporânea
Cooperativa de Comunicação e Cultura de Torres Vedras, CRL
Rua da Cruz, 9-9A
Apartado 77
2564-909 Torres Vedras
tel. +351 261 338 931
www.ccctv.org

coordenação geral | general coordination
Paulo Carocinho
Margarida Correia

projecto gráfico | graphic design
Paulo Carocinho

impressão
Gráfica Torriana

papel capa
Keycolour Lineal 300 g/m²

papel miolo
Printoart Ivory 200 g/m²

tiragem
300 exemplares

depósito legal
????????????

Apoios | Sponsors



Ângelo Custódio Rodrigues, S.A.



J. A. R. MATIAS

